

#cm

2

QUARTA-FEIRA

Carmen Maura, diva de Almodóvar, fala ao Correio

PÁGINA 3



O premiado 'Foi Apenas Um Acidente' chega ao Brasil

PÁGINAS 4 E 5



Samba do Trabalhador celebra 20 anos com álbum

PÁGINA 6



Reprodução/IMDB

Um brasileiro na rota do Oscar

‘Sonhos de Trem’, produção Netflix, pode consagrar o fotógrafo Adolpho Veloso com a cobiçada estatueta

Por Rodrigo Salem (Folhapress)

Em 2015, Adolpho Veloso filmava um longa experimental em preto e branco nas ruas de São Paulo que estreou no festival alternativo americano Slamdance. Dez anos depois, o diretor de fotografia paulista entrega “Sonhos de Trem”, seu segundo filme nos Estados Unidos com o cineasta Clint Bentley, e desponta como um dos favoritos a uma vaga no Oscar 2026 de melhor fotografia e ainda emenda com seu primeiro trabalho em um blockbuster hollywoodiano, o grandioso “Remain”, ao lado de M. Night Shyamalan, previsto para o ano que vem. **Continua na página seguinte**

‘É surreal, nunca imaginei algo assim’

“É surreal, nunca imaginei algo assim”, diz Adolpho Veloso ao encontrar a reportagem num

hotel a poucos metros de cenários de filmes como “Chinatown” e “Era Uma Vez em Hollywood”. “Quando você faz um longa, a última coisa que passa pela cabeça é ter seu nome cogitado para uma indicação ao Oscar, porque é algo muito distante para quem vem do Brasil.”

Ele decidiu que queria trabalhar com cinema aos 12 anos ao assistir a “Laranja Mecânica”, de Stanley Kubrick. “Fiquei totalmente impressionado e resolvi que trabalharia com isso, mas não sabia exatamente em qual função”, afirma o cineasta, que se formou em cinema na FAAP, em São Paulo. “Achava que seria diretor, porque parecia ser a única opção, mas na faculdade comecei a ver que havia outras possibilidades. No primeiro ano, já percebi que queria ficar atrás da câmera e criar com a luz e a fotografia.”

Antes de assumir a função que exerce até hoje, Veloso trabalhou em diversos departamentos de produtoras de publicidade até passar a fotografar curtas. Estreou em um longa com “Asco”, selecionado pelo festival alternativo ao Sundance, e, em 2017, trabalhou com Heitor Dhalia em “Yoga: Arquitetura da Paz”, documentário sobre o renomado retratista Michael O’Neill. A obra chamou a atenção do jovem Clint Bentley. “O filme estava bastante popular na Netflix e, por acaso, Clint assistiu e gostou. Ele é documental, mas esteticamente próximo da ficção, mais cinematográfico e com planos pensados.”

Após retomar a parceria com Dhalia em “Tungstênio”, o diretor de fotografia passou a filmar na Argentina e na Europa. Foi quando decidiu, no fim de 2019, se mudar para Portugal. Um ano depois, chegava ao primeiro set nos Estados Unidos para rodar “Jockey”, drama de pequeno orçamento de Bentley sobre um jóquei veterano (papel de Clifton



Divulgação Netflix

O trabalho de Adolpho Veloso chamou a atenção de M. Night Shyamalan, que o chamou para fotografar seu próximo longa

Divulgação



Collins Jr.) que tenta seu grande título mesmo com a saúde debilitada. “Tínhamos uma equipe de dez pessoas e um orçamento de US\$ 300 mil. Por isso, havia muita liberdade nas filmagens”, diz.

A dupla com Bentley deu tão certo que foi repetida em “Sonhos de Trem”, longa que está no catálogo da Netflix, projeto com 100 pessoas empregadas diretamente, distribui-

ção grandiosa e astros do quilate de Joel Edgerton e Felicity Jones. “O grande desafio foi repetir o mesmo processo em um filme de época sem a mesma flexibilidade do projeto anterior”, conta.

A missão era adaptar o conto de Denis Johnson sobre um lenhador (Edgerton) do início do século 19 que vê a dinâmica da região e seu modo de sobrevivência alterados com a chegada de uma ferrovia. Nas mãos de Bentley, virou um belo e delicado drama sobre natureza, os perigos do capitalismo extremo e a resiliência humana. Filmado inteiramente com luz natural, câmera na mão e locações, “Sonhos de Trem” exigiu comprometimento de diretor, fotógrafo e elenco, longe das regalias hollywoodianas. “Eu e Adolpho criamos esse estilo de filmar misturando momentos roteirizados e, de vez em quando, os jogando para o alto ao trazer atores estreados e animais. Não teria feito esse filme sem Adolpho”, diz Bentley, que foi indicado ao Oscar com Greg Kwardar pelo roteiro de “Sing Sing” - a dupla também assina o novo longa.

“Sonhos de Trem” foi rodado em 29 dias no meio de uma floresta da Costa do Pacífi-

co, mas a maior parte da equipe permanecia mais distante da ação, que era conduzida por Veloso e Bentley de modo intimista para manter velocidade, espontaneidade e o espírito independente dos envolvidos. “Tínhamos poucas horas para filmar, dependendo da natureza. O lado bom de trabalhar assim é que você não tem muito tempo para fazer as cenas. Só conseguimos porque o elenco abraçou a ideia”, diz Veloso.

O estilo do brasileiro em “Sonhos de Trem” chamou a atenção de M. Night Shyamalan, que teve acesso a uma cópia antecipada do filme. O cineasta de “O Sexto Sentido” e “A Vila” chamou Veloso para fotografar o grandioso “Remain”, ideia concebida por ele e Nicholas Sparks, autor de “Diário de uma Paixão”. “Foi um salto”, diz o diretor de fotografia. “Trabalhar com um diretor com tantos filmes é outra coisa”. A experiência, segundo ele, foi diferente, mas incrível. “Night é aberto e amoroso”, diz ele, que comandou duas câmeras VistaVision, um formato antigo e quase extinto que usa película 35mm na horizontal para gerar uma imagem mais larga e com maior definição. “Foi minha primeira vez. Não sei se repetiria, porque elas dão muito pau. Só existem seis no mundo. Rodamos com duas câmeras. Certo dia, quebraram simultaneamente e pausamos as filmagens por duas horas para esperar o conserto.”

Essas dificuldades deixariam muitos cineastas desesperados, mas Veloso trouxe a engenhosidade brasileira para Hollywood. “Brasileiro tem muito recurso, sempre achamos soluções e não ficamos parados por causa de orçamentos ou problemas”, diz. Clint Bentley confirma ao revelar a única palavra que aprendeu em português - “gambiarra”.

Apesar do sucesso nos EUA, Veloso diz que sente falta do Brasil, mesmo visitando a família três vezes por ano, e que adoraria voltar a trabalhar no país. “É incrível poder mostrar o cinema brasileiro para o mundo e colocar um pouco do Brasil no cinema do mundo. É o que tento fazer. Se souber de alguém precisando de diretor de fotografia”, pede.

Quem se interessar precisará correr, porque o paulista de 37 anos está na shortlist do Critics Choice Awards, figura em diversas listas de publicações especializadas como um forte candidato à indicação ao Oscar de melhor fotografia por “Sonhos de Trem”.

“Acho difícil, porque temos muitos filmes com boas fotografias neste ano e vários veteranos com mais nome”, diz ele, fã do trabalho de Robbie Ryan em “Bugonia”. “Se rolar, legal. Mas se não acontecer, vou encarar como um degrau que subi para tentar uma próxima vez.”

Rodrigo Fonseca

ENTREVISTA / CARMEN MAURA, ATRIZ

‘Os americanos não descobriram a Espanha, por isso a gente filma tanto’

FESTIVAL INTERNATIONAL DU FILM DE
MARRAKECH
المهرجان الدولي للفيلم بمراكش
«فيلم» «السينما» «السينما» «السينما»

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Ao ser informada pela coordenação de imprensa do 22º Festival de Marrakech de que terá entrevista com o Brasil, a espanhola Carmen Maura interpela o Correio da Manhã, de cara, com saudades de Miguel Falabella, seu diretor em “Veneza” (2019): “Ele tem filme novo? Já está no circuito das mostras?”, pergunta a diva espanhola, aclamada na década de 1980 por seu casamento estético com Pedro Almodóvar, antes de abrir um sorriso ao saber que o eterno Caco Antibes filmou “Querido Mundo”, ainda inédito em cartaz. “Ele foi muito delicado. É um fabulador”.

Aos 80 anos, Carmen pôs o Marrocos no bolso com sua interpretação em “Calle Málaga”, sob a direção de Maryam Touzani. “Ela não é uma diretora fácil de lidar, pois é exigente e repete os planos muitas vezes, mas me entregou um roteiro lindo”, diz a estrela madrilenha abraçada pela cinefilia mundial depois do sucesso de “Mulheres À Beira De Um Ataque De Nervos”, em 1988, e respeitada por sua atuação em cults



Divulgação

como “Volver” (2005).

Coqueluche em Marrakech, “Calle Málaga” assegura a ela o papel de María Ángeles, imigrante ibérica de 79 anos que mora sozinha em Tânger e aprecia sua rotina diária. No entanto, sua vida vira do avesso quando a filha chega de Madri para vender o apartamento onde sempre viveu. Determinada a ficar, María faz tudo o que pode para recuperar sua casa e seus pertences e, inesperadamente, redescobre o amor e a sensualidade.

Premiado pelo júri popular de Veneza, onde estreou, em setembro, indicado a troféus no Cairo e coroados com as laúreas de Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz em Mar Del Plata, na Argentina, “Calle Málaga” se candidata a lucrar milhares de euros, de dólares e de reais nas salas de projeção. Na

conversa a seguir, Carmen fala sobre o que é lotar cinemas.

Sua carreira tem uma respeitabilidade em escopo global e tem também afagos do mercado exibidor, pois muitos de seus filmes, inclusive as parcerias com Almodóvar, lucraram para além dos parâmetros do cinema europeu. O que justifica essa popularidade do passado e o quanto ela pode se repetir agora com “Calle Málaga”?

Carmen Maura - É que faço as pessoas rirem. Divertir o público é necessário. Não fazia ideia disso... assim como não imaginava um dia me tornar conhecida... até que as pessoas passaram a me parar na rua... e para falar de cinema. Vou sair do Marrocos e vou voltar a Madri, onde vai ter gente me parando no metrô para



Aos 80 anos, Carmen Maura - eterna diva de Almodóvar - conquista Marrakech com sua atuação em ‘Calle Málaga’

espaço, e, diferentemente dela, na idade que tenho, aos 80 anos, não me abriria a um relacionamento, não poria um homem em casa.

falar de “Calle Málaga”. Ando na rua, livremente, e muitos me param para contar suas vidas. Tem sido assim desde que comecei.

Qual é o Marrocos de “Calle Málaga”?

Eu me encanto com o Marrocos, por sua cultura, sua comida, sua luz natural, e lamento saber que muitos espanhóis nunca passaram por esse país, mesmo estando pertinho, e, mesmo sem conhecer o local, fantasiam problemas que não existem.

O que María Ángeles revela sobre a estranheza que os europeus desenvolvem ao olhar para a realidade marroquina? Que solidão ela carrega?

Eu me encanto com a experiência de estar sozinha, de curtir meu

Há perfumes ibéricos no enredo de “Calle Málaga”, mas é um filme espanhol. Seu país tem ocupado muitos espaços este ano, nos grandes festivais. Como encara esse êxito da Espanha nas telas?

Não sei se viu um filme recente chamado “Los Domingos” (longa ganhador da Concha de Ouro do Festival de San Sebastián). Eu vi essa produção espanhola recentemente e ela linda. Estou muito orgulhosa do que estamos fazendo, em especial por que estamos dando espaço às mulheres na direção. Muitos filmes espanhóis são rodados por diretoras. Os americanos não descobriram a Espanha, por isso a gente filma tanto e tão bem. Hollywood não está lá. Nosso cinema tem público. É um público que nos respeita.

É tempo de Jafar Panahi

FESTIVAL INTERNATIONAL DU FILM DE
MARRAKECH
المهرجان الدولي للفيلم بمراكش
«CINEMA» «XO» «YH» «HDE» «EGG» «RC»

Palma de Ouro de Cannes, 'Foi Apenas Um Acidente' estreia nesta quinta no Brasil e passa por Marrakech levando seu diretor, porta-voz da violência política do Irã, rumo ao Oscar

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

É tempo, enfim, de o circuito comercial brasileiro prestigiar a Palma de Ouro de 2025: "Foi Apenas Um Acidente", de Jafar Panahi, estreia nesta quinta-feira, numa sinergia entre as distribuidoras (e plataformas) Imovision e MUBI. Apesar de ser iraniano, esse suspense de tons político foi escolhido pela França (sua coprodutora) para representá-la oficialmente na apreciação da Academia de Hollywood, em busca de uma vaga na disputa do Oscar 2026 – o que amplia as chances de sucesso da produção na telona. Sua campanha pelo troféu mais cobiçado do cinema ganha um reforço marroquino: neste 4 de outubro, a produção ganhará sessão no Festival de Marrakech, onde seu diretor participa de uma sabatina, aberta ao público, longo de uma hora. Há de desabafar



Jafar Panahi no set de filmagens de 'Foi Apenas Um Acidente', que estreia nesta quinta-feira no circuito exibidor do Brasil enquanto tem tela garantida no Festival de Marrakech

Divulgação



Jafar Panahi na rodagem de 'Sem Ursos', premiado em Veneza

todas as atrocidades a que foi submetido por autoridades de sua pátria, ao ser detido num veto à liberdade de expressão.

Aos 65 anos, Panahi já trazia no currículo o Leopardo de Ouro do Festival de Locarno (dado a 'O Espelho', em 1997); o Leão de Ouro de Veneza (conferido a "O Círculo", em 2000); e o Urso de Ouro da Berlinale, atribuído a ele há dez anos, por "Táxi Teerã", que pode ser visto esta noite, no Reserva Cultural de Niterói e no Cinesystem Belas Artes, de Botafogo. Esses dois espaços põem sua filmografia em revisão. Seu histórico de vitórias divide espaço com uma profissão de fé na autonomia criativa, marcada por múltiplas retaliações em seu país. Em 2010, foi condenado

Les Films Pelleas



Uma van transforma-se num microcosmos de batalhas políticas de revanche contra as autoridades do Irã em 'Foi Apenas Um Acidente'

Divulgação



Jafar Panahi em 'Táxi Terã' (2015), seu aclamado pseudo documentário

a seis anos de prisão e ficou proibido de filmar e de sair do Irã (por 20 anos), sob a acusação de fazer propaganda contra o regime que governa sua terra natal. Apesar das restrições, no ano seguinte, realizou "Isto Não É um Filme" (2011), ambientado em seu claustro domiciliar. Acabou liberado, com o apoio da comunidade cinéfila internacional. Em 2022, quando foi laureado com o Prêmio Especial do Júri em solo veneziano, por "Sem Ursos", o diretor foi preso e só foi libertado em fevereiro de 2023, depois e fazer greve de fome.

Ao consagrar "Un Simple Accident" (título original de seu novo trabalho), Cannes coroou sua resiliência na peleja para ser livre... e para denunciar intolerâncias. Em maio, Pa-

nahi entrou para o seletíssimo rol dos ganhadores da Palma dourada, num time que, nos últimos dez anos, incluiu Jacques Audiard, Ruben Östlund, Hirokazu Koreeda, Bong Joon Ho, Julia Ducournau, Justine Triet e Sean Baker. Ao receber o troféu francês, ele declarou publicamente na Croisette o quanto o risco à sua segurança aumentou. Sua nação, há tempos, é azeda com os filmes que ele faz... e isso desde a sua estreia na realização, há 30 anos, com "O Balão Branco" (ganhador da Câmera d'Or na Croisette em 1995). Tratam sua obra como um atentado à dignidade do Irã. Tanto é que, de lá, não se ouviu comemoração governamental alguma quando ele foi galardoado na Côte d'Azur.

O fato de "Foi Um Simples Acidente" narrar a vingança de um torturado contra o agente de estado que o vitimizou complicou ainda mais as chances de as autoridades de sua pátria festejarem sua consagração. Mas ela é merecida. Trata-se de um realizador que, há três décadas, segue a pavimentar um legado autoral no qual poesia e indignação caminham juntos, numa linha (por vezes) tênue entre ficção, etnografia, documentário e semiótica.

"Para um cineasta, cada prêmio é um prazer e foi necessário muito trabalho para ganhar este troféu", disse Panahi em Cannes, com a Palma nas mãos. "Em um determinado momento, eu tinha muitas imagens diferentes passando pela minha cabeça. Estava pensando em todos os rostos dos meus amigos que estavam na prisão comigo. Naquela época, nós estávamos na cadeia, mas o povo iraniano estava nas ruas lutando pela liberdade. Naquele momento, eu disse a mim mesmo que estava feliz por eles".

Seu eletrizante "Foi Apenas Um Acidente" parece thriller. Enerva como um. Remete ao Costa-Gavras de "Estado de Sítio" (1972) ou de "A Confissão" (1970) por dialogar com a cartilha do thriller político. O enredo toma corpo conforme o mecânico Vahid encontra por acaso o homem que acredita ter sido seu torturador na prisão, ele o sequestra decidido a se vingar. A única pista sobre a identidade desse sujeito é o som peculiar de sua perna protética. Vahid então recorre a um grupo de outras vítimas libertas em busca de

confirmação, e o perigo só aumenta. Enquanto enfrentam o passado e suas visões de mundo divergentes, o grupo precisa decidir: será realmente ele, sem dúvida alguma? E o que significaria, na prática, a retribuição?

No arranque do longa-metragem, Panahi segue num carro onde um casal tenta conter uma menininha em plena euforia, com seu boneco de pelúcia preferido. Uma colisão trava o veículo. A pequena tem medo do que se passa, mas o pai a acolhe, ainda que com severidade. Nesse início tenso, ocorre o tal "simples acidente" do título, que deflagra uma cruzada de revanche sem medo de exposições gráficas da violência. Aparentemente, abateu-se um cão. O pai entra num galpão para pedir ajuda e alerta um operário, Vahid, que parece reconhecer o som característico do seu andar manco, fruto de uma prótese na perna. No dia seguinte, Vahid bate na cabeça desse homem com uma pá antes de colocá-lo na parte de trás de sua van, que se torna tanto a força motriz quanto a principal locação desse longa filmado num regime próximo à clandestinidade.

"Eu aprendi com 'Táxi Teerã' a filmar em veículos em movimento. Num carro, você se sente em segurança", disse Panahi em Cannes, entrando em detalhes de uma de suas detenções. "Eu fui vendado e levado para uma cela tão pequena que eu mal podia me mexer. Lá eu colhi histórias que compõem o roteiro desse meu novo filme".

A 22ª edição do Festival de Marrakech termina no dia 6.

Leo Aversa/Divulgação



Moacyr Luz (ao centro) e os integrantes da Samba do Trabalhador conseguiram levar para o estúdio de gravação todo o clima festivo das rodas realizadas semanalmente no Renascença Clube

Do Renascença para o estúdio com aquele jeitão de roda

Moacyr Luz celebra 20 anos do Samba do Trabalhador com disco que reúne parcerias inéditas, releituras de clássicos e composições dos integrantes da roda

Por Affonso Nunes

Nascida informalmente em maio de 2005 nas dependências do Renascença Clube, no Andaraí, o Samba do Trabalhador transfor-

mou-se numa das mais famosas rodas de samba do país. O que começou como um encontro descontraído de sambistas liderados pelo cantor compositor Moacyr Luz virou patrimônio carioca, que reúne semanalmente músicos consagrados e um pú-

blico fiel. Para marcar os 20 anos dessa bela trajetória, a Biscoito Fino lança o álbum “Moacyr Luz e Samba do Trabalhador, 20 Anos”, já disponível nas plataformas digitais.

O trabalho evoca o clima das apresentações ao vivo do grupo:

uma mescla de gerações, estilos e compositores que se encontram no terreno comum do samba. Moacyr Luz, figura central desse movimento, apresenta parcerias inéditas com nomes como Dunga, Pedro Luís e Xande de Pilares num trabalho que revisita

momentos significativos de sua própria obra como “Vila Isabel”, parceria de Moa com Martinho da Vila, que ganha a voz de Mingo Silva. Gabriel Cavalcante empresta sua interpretação a “Tudo o que Vivi”, fruto da colaboração entre Moacyr e o saudoso Wilson das Neves. Já Alexandre Marmita assume os vocais de “Cachaça, Árvore e Bandeira”, samba que Moacyr compôs ao lado de Aldir Blanc, um dos parceiros mais frequentes de Moa.

Moa também apresenta no disco parcerias com integrantes do Samba do Trabalhador. “Vai Clarear”, parceria de Moacyr Luz com Alexandre Marmita, Mingo Silva e Nego Álvaro; e “Caboclo pára-raios”, interpretada por Mingo Silva, nasce da parceria entre o próprio Mingo e Anderson Baiaco. Gabriel Cavalcante apresenta “Roda de Partido”, que assina com Roberto Didio, prestando tributo aos grandes partideiros da história do samba. “Vou tentando”, interpretada por Alexandre Marmita, é fruto de sua parceria com Moa.

O álbum também conta com participações especiais que fazem jus ao adjetivo. Joyce Moreno está “Eu Fiz um Samba pra Bahia”, parceria de Moacyr com Sereno, integrante do Fundo de Quintal. O samba “Água Santa”, inédito de Moacyr com Pedro Luís, reúne os dois parceiros na gravação e ganha a contribuição da gaita do maestro Rildo Hora. Marina Iris participa nos vocais de “Dezesseis”, mais uma composição inédita da dupla Moacyr Luz e Aldir Blanc. A memória de Aldir Blanc também é evocada em “Mitos Cariocas”, parceria dos dois que homenageia o cartunista Lan.

A sonoridade do disco ficou a cargo de Leandro Pereira, violonista que acompanha o grupo há anos e que assumiu a responsabilidade pelos arranjos. O desafio de transpor para o ambiente de estúdio a atmosfera informal e festiva que caracteriza as rodas do Renascença resultou num álbum festivo ainda que gravado em estúdio.



Rádio Samba celebra dois anos com estreias que conectam gastronomia, história e renovação do gênero

Por Affonso Nunes

Nesta semana em que se celebra o Dia Nacional do Samba a Rádio Samba completa dois anos expandindo seu conceito de canal digital dedicado exclusivamente ao gênero. A plataforma inaugura uma nova fase com programas que abordam gastronomia e memória histórica.

Uma dessas novidades é o Samba na Cozinha, um encontro entre música e culinária explorando bares, pratos e histórias do universo sambista. Em seu primeiro episódio, Xande de Pilares conversa com o chef Toninho

Nessa rádio tem batuque



Divulgação

Xande de Pilares participa do primeiro episódio do programa Samba na Cozinha

Momo, do Bar do Zeca Pagodinho.

Ainda esete mês entra no ar

Raízes do Samba, sob apresentação de Didu Nogueira. O programa investiga as origens do samba,

revisitando personagens, lugares e momentos fundadores dessa expressão musical. Para 2026, a gra-

de ganhará mais dois programas: Jóias Raras e Crias do Samba.

Idealizada por Dudu Pagodinho, diretor artístico e audiovisual (filho de Zeca Pagodinho) e pelo publicitário Maurício Barzilai, a web rádio consolidou em dois anos um modelo que combina transmissão musical ininterrupta e gratuita, via aplicativo próprio, com produções de conteúdo original. “O samba é um elo entre gerações. Com esses novos programas, queremos mostrar que o passado e o futuro podem existir em perfeita sintonia”, afirma Dudu.

A Rádio Samba também desenvolve ações de impacto social. Em parceria com a Rio Brasil Terminal e o CRAS XV de Maio, mantém uma Oficina de Percussão gratuita no Caju, coordenada por Marcelinho Moreira, oferecendo formação musical para crianças e jovens daquela comunidade.

“O samba é resistência, é alegria e é futuro. A Rádio Samba existe para garantir que o batuque nunca pare”, afirma Maurício Barzilai.

CRÍTICA / DISCO / ELAS

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos do EP “Elas” de Vânia Bastos (MINS Música). Antes de começar, devo dizer da minha admiração por essa cantora paulista de Ourinhos cuja evolução como intérprete há muito venho acompanhando. Graças à voz privilegiada impregnada de emoção, tais atributos avivam sua condição de uma das vozes mais importantes da cena musical brasileira. Ainda sobre Vânia, é sempre bom lembrar que ela é um dos destaques do grande movimento chamado Vanguarda Paulista.

Para o seu tributo às compositoras brasileiras, Vânia selecionou “Pode Ser”, de sua filha Rita Bastos, já gravada pela própria em seu segundo CD, e que Vânia canta nos shows: “Longe de você esperar/ Que a dor acabe porque/ Outra vida vem/ Destruir o que é ruim/

O sonho acaba assim/A paixão acaba no fim (...). Com arranjo embalado em ritmo agitado e os instrumentos valendo-se de samples do violonista Ronaldo Rayol, Vânia Bastos se joga toda. Seja dobrando a própria voz ou em vocais, seu canto soa menos agudo, mas afinado e emocionado como sempre.

Também escolheu a inédita “Essa Manhã”, da cantora e compositora Márcia Tauil, em parceria com Leandro Dias. Vânia dá show com seu cantar apto a aquecer o coração do ouvinte: “(...) Luz que entra pela fresta/ Festa de alegrar a alma/ Pão de alimentar o corpo/ Corpo que quer te acordar/ Me desperta eu



Divulgação

sigo eu vou/ Buscar/ Seja em terra seja em céu/ Ou mar (...). A pegada rítmica é sedutora. Mais uma vez o arranjo é caprichado e respeitoso à melodia e à harmonia.

A terceira faixa do EP é da compositora Débora Maranhão. Residente no Recife, ela, que até

então nunca tivera uma música sua gravada, enviou algumas para Vânia, que se decidiu por gravar “Ando tão Frágil”. Deu assim a oportunidade para Débora Maranhão mostrar o seu bom trabalho composicional para o público de Vânia, que ama a música brasileira. Aquecidos pelo arranjo pop do maestro Ronaldo Rayol e com versos nada frágeis, pelo contrário, Débora dá a Vânia o estímulo para cantá-los aconchegados em sua voz única: “Quero chorar meu amor/ Desabafar por uns minutos/ Eu ando tão frágil/ Com as notícias do mundo/ A vida como a gangorra/ Com seus altos e baixos/ Ah que mundo confuso/ Esqueceram

do amor (...).”

Mas restou um finalmente: antes mesmo de ouvi-los, quando eu soube que graças ao avanço tecnológico, e em busca de modernidade todos os instrumentos foram gravados pelo samples de Ronaldo Rayol, temi. Porém, devo reconhecer que o trabalho do maestro é digno de Vânia Bastos. E se ela e Ronaldo, corajosamente, optaram por gravar assim, apreciá-lo ou não caberá ao gosto de cada um.

Ouça o álbum em <https://l1nk.dev/FgaMA>

Ficha técnica

Ronaldo Rayol: arranjos, violão, baixo e todos os outros instrumentos, valendo-se de samples; J.G. Junior: produção, gravação, mixagem e masterização; Márcia Tauil: capa; Fausto André: foto da capa.

*Vocalista do MPB4 e escritor

“E se as traças, ao devorarem livros, também absorvessem

a linguagem e a complexidade humana?” É com essa instigante provocação que o Bando de Palhaços, celebrando 15 anos de trajetória, apresenta seu novo espetáculo adulto, “Como nos Livros”. A montagem, que marca o segundo trabalho do grupo voltado para o público adulto após “Adeus, Ternura”, de Rafael Souza-Ribeiro e direção de Rodrigo Portella em 2022, convida a uma reflexão profunda e bem-humorada sobre a condição humana, sob a direção de André Paes Leme e texto de Cecília Ripoll.

Em cena, o público é transportado para um abafado apartamento em Copacabana, onde cinco traças vivem confinadas, cada uma com sua morada literária peculiar: “O Cortiço”, “O Capital”, o “Código Penal” e até um cartão postal antigo. A aparente harmonia é quebrada quando uma delas transgredir uma regra fundamental de convivência, devorando o miolo de um livro ainda em uso, pertencente ao dono da casa. O caos se instala, e as traças se veem com apenas 24 horas para elaborar um plano de salvação antes de serem exterminadas. Entre delírios, citações e planos improváveis, essas criaturas tentam escapar da morte certa, enquanto ironicamente repetem os mesmos padrões humanos que tanto criticam. A dramaturgia Cecília Ripoll, que já foi indicada ao Prêmio Shell RJ por duas vezes como autora, explica a essência dessa metáfora central ao espetáculo: “A traça é usada para traçar uma metáfora com o humano, que, como ela, carrega a contradição de destruir e corroer sua própria moradia.”

A dramaturgia escrita especialmente para o grupo, nasceu de um processo coletivo com o elenco. A autora já havia colaborado com o grupo na peça online “Na Borda do Mundo”, indicada ao Prêmio APTR 2021. Inspirada na experiência cômica de cada integrante, Ripoll criou personagens ricos em personalidade, contradições e excentricidades, que prometem



Em ‘Como Nos Livros’, as traças se comportam como humanos quando se vêem diante da morte

Assim como nós, os humanos

Novo espetáculo do Bando de Palhaços, ‘Como Nos Livros’ celebra 15 anos de grupo com uma fábula adulta que provoca reflexões sobre a natureza de nossa própria espécie

cativar a plateia. “Nós, do Bando, gostamos da possibilidade de nos lançarmos em aventuras investigativas diferentes a cada espetáculo, do risco de novas descobertas. A dramaturgia da Cecília propõe um mergulho na palavra, de uma maneira que ainda não tínhamos

feito juntos”, conta Ana Carolina Sauwen, uma das fundadoras do grupo.

O espetáculo reforça a maturidade artística do grupo em seus 15 anos, consolidando sua pesquisa continuada, que integra palhaçaria e teatro em projetos

que incluem formação artística através de oficinas.

A direção de André Paes Leme marca seu reencontro com a linguagem cômica. “O espetáculo traz uma discussão muito rica, de forma inusitada: são insetos que discutem a humanidade. Isso é muito original. Estou muito feliz com a profundidade crítica e a originalidade do projeto. Assumir a presença do público é importante para que não se faça uma leitura realista da peça. Assim, o aspecto crítico fica mais forte e o espetáculo se torna mais leve e vibrante.”

O elenco, composto por Ana Carolina Sauwen, Filipe Codeço, Mariana Fausto, Pablo Aguilar e o

ator convidado Fabrício Neri explora o limite entre o humano e o inseto, entre a palavra e o instinto, entre o delírio e a razão, convidando o público a uma experiência teatral que nos leva a enxergar a nós mesmos sob uma nova perspectiva.

SERVIÇO

COMO NOS LIVROS

Teatro de Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

Até 7/12, de quinta a sábado (20h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associado Sesc)

Horário: quinta a sábado, às 20h; domingo, às 18h